

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**

**Mauricio Luz de Lima**

**A AÇÃO E DESAFIOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE  
BASE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**São Paulo – SP**  
**2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**

**MAURICIO LUZ DE LIMA**

**A AÇÃO E DESAFIOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE  
BASE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Agnese Costalunga.

**São Paulo – SP**  
**2015**

**MAURICIO LUZ DE LIMA**

**A AÇÃO E DESAFIOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE  
BASE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Agnese Costalunga.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, dêem esperança e novo vigor para o caminho. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho. (E G, 114)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, a Deus pelo dom da minha vida, e à minha família por toda a garra, coragem e apoio, de modo especial minha esposa Margareth e minha filha Bárbara. Meus pais José (in memoriam) e Carmelinda, que com muito esforço nos formou e educou, a mim e ao meu irmão João. Aos Professores e colegas da Pontifícia universidade católica de São Paulo- PUC, que me acompanharam em cada passo desse curso. A Professora Dra. Agnese Costalunga, pelo apoio e incentivo na realização dessa pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de apresentar um estudo sobre as Comunidades Eclesiais de Base e de modo especial, destacar o surgimento e sua história, suas ações e desafios na igreja do Brasil.

As Comunidades Eclesiais de Base surgem como um conjunto de iniciativas pastorais que repercutiram o Concílio Ecumênico Vaticano II e no continente Latino Americano. As Comunidades de Base se organizam e, em grupos, promovem uma reflexão de como pontuar alternativas que promovam uma ação transformadora no mundo.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) funcionou como elemento-chave para a participação de leigos, abrindo-lhes o acesso à Bíblia, à palavra de Deus, e assim, ganhava-se força a proposta de uma Igreja povo de Deus.

Como ação, compreendemos que a caminhada das CEBs pode ser resumida como uma nova forma de ser Igreja, e uma forma de a Igreja ser, na vivência do diálogo, no meio popular, lutando por justiça e solidariedade, para que possa permanecer próxima de seu povo.

Como desafios, vemos que diversos fatores impedem uma melhor ação por parte das CEBs: o fundamentalismo, o integrismo, a cristandade e a perda do profetismo obstruem o cumprimento de sua missão.

É necessário articular fé e política, para que se possa estar a serviço de todos e promover diálogo com outras religiões, manter o compromisso social, criar uma nova estrutura eclesial, enfim, promover trocas de experiências entre CNBB, CEBs e Pastorais. Assim, juntos, superam os desafios em busca do Reino de Deus.

Palavras-chave: Igreja. Comunidades Eclesiais de Base. Povo de Deus.

## ABSTRACT

This work aims to present a study on the Basic Ecclesial Communities, in particular to highlight the emergence and their history, their actions and challenges in Brazilian church.

The ecclesial base communities (CEBs) have emerged in a number of pastoral initiatives that have affected the Second Vatican Council and the Latin American continent. The base communities are organized in groups, promoting a reflection of how rate alternatives that promotes a transforming action in the world.

The Second Vatican Council (1962-1965) worked it as a key element for the participation of lay people, opening them access to the Bible, God's word, so earning up strength the proposal of a church as a people of God.

As action we understand that CEB can be summed up as a new way of being church and a way for the church to be, in the experience of dialogue and living in popular means fighting for justice and solidarity, and you can walk together with the people.

As challenges, we see that several factors preventing better action by the CEB: fundamentalism and the loss of prophecy prevent fulfillment of its mission. It is necessary to articulate faith and politics, so you can be in service to everyone, promoting dialogue with other religions, maintaining social commitment, create a new ecclesial structure, so that you can place exchange of experiences between CNBB, CEBs and Pastoral together outweigh the challenges seeking the Kingdom of God.

**Keywords:** Church. Basic. Ecclesial. Communities. God's people.

## SIGLAS E ABREVIACÕES

CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida. Conclusões da Vª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e Caribenho, 2007.
DM	Documento de Medellín – Conclusões da IIª Conferência do Episcopado Latino Americano, 1968.
DP	Documento de Puebla – Conclusões da IIIª Conferência do Episcopado Latino Americano, 1979.
DSD	Documento de Santo Domingo – Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino Americano, 1992.
EG	Evangelli Gaudium. Exortação Apostólica Sobre o anúncio do Evangelho no Mundo atual, de Francisco, 2013.
GS	Gaudium et Spes. Constituição do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje, 1965.
LG	Lumem Gentium. Constituição do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja, 1964.
MEB	Movimento e Educação de Base
S A R	Serviço de Assistência Rural

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I- ORIGENS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE	
1.1 Surgimento e Caminho das CEBs no Brasil .....	10
1.2 A Evolução das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil.....	12
1.3 A Igreja Povo de Deus um Novo Jeito de Ser Igreja .....	13
1.4 A Experiência de Catequese Popular de Barra do Pirai .....	15
1.5 Experiências em Nísia Floresta.....	16
CAPÍTULO II- COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE ATUANDO NA EVANGELIZAÇÃO	
2.1 As CEBs Após o Concílio Ecumênico Vaticano II.....	19
2.2 Como são constituídas as CEBs?.....	20
2.3 As “CEBs” nas Conferências Episcopais .....	22
2.3.1. Medellín .....	23
2.3.2. Puebla .....	24
2.3.3. Santo Domingo .....	25
2.3.4. Aparecida.....	26
2.4 Comunidades de Comunidades .....	27
2.5 Igreja e Sociedade, juntos por uma vida justa e fraterna.....	29
CAPÍTULO III- CEBs E OS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO	
3.1 As Comunidades Eclesiais de Base e seus Desafios.....	32
3.2 As Comunidades Eclesiais de Base do Século XXI .....	34
3.3 Por uma Igreja Pobre e Missionária .....	36
3.4 O Rosto Moderado da Igreja no Brasil .....	38
3.5 Papa Francisco retoma a opção pelos Pobres.....	39
CONCLUSÃO .....	41
BIBLIOGRAFIA.....	43

## INTRODUÇÃO

Um dos objetivos deste trabalho é destacar a ação das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, seu surgimento, sua história também nos documentos e decretos da Igreja, além das Conferências Episcopais Latino Americanas (CELAM) e, atualmente, comparar a ação das CEBs junto à ação pastoral exercida pelo Papa Francisco em seu pontificado.

A partir da década de 1960, constatamos um fenômeno na América Latina. Os pobres, em sua grande maioria cristã, irrompem animados pela fé, nas comunidades de base. Organizam-se em grupos de reflexão e começam a busca de alternativas de vida digna, a partir da construção contínua da fraternidade, da solidariedade e da justiça.

As CEBs surgiram e vivem no Brasil uma diversidade de situações locais. Em diversos contextos, as CEBs procuram responder com situações vividas no Evangelho diante da dominação humana. No contexto de opressão, as Comunidades Eclesiais de Base optam e se organizam por uma evangelização libertadora.

Neste novo jeito de ser Igreja, as CEBs promovem integração entre fé e vida, expressando hoje um dos traços mais dinâmicos da vida eclesial e também de outros setores da sociedade.<sup>1</sup> Promovem também, no Brasil, um dinamismo e uma realidade que expressam um dos traços vitais da Igreja, povo de Deus.

As CEBs assumem a construção da justiça como realização do seu profetismo na sociedade de hoje, e redescobrem também a vivência fraterna das primeiras comunidades que se reuniam para colocar em comum a oração, a fração do pão e a partilha dos bens.

Uma das metas das Comunidades Eclesiais de Base é tornar presente a opção de Jesus pelos pobres e marginalizados, rejeitando as relações de dominação, optando por uma maneira de viver alternativa, que proporcione um viver fraterno e solidário.

---

<sup>1</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986. doc.25,13.

Este novo jeito de viver torna-se um caminho para o diálogo e provoca a libertação, orientando-se pelo método do Ver, Julgar e Agir.<sup>2</sup> Esta ação precisa que parte do *Ver* a realidade em que se encontram, sem esconder ou legitimar situações de injustiças e perseguições. *Julgá-la* com os olhos da fé e *Agir* frente às realidades. A tentativa estabelece novas perspectivas, descobrindo modelos e formas de uma eclesiologia cada vez mais enraizada e possível.

---

<sup>2</sup> Cf. BETO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*, São Paulo, Brasiliense, 5ª edição, 1985. co-edição com a Editora Abril, São Paulo, 1985.

# CAPÍTULO I

## ORIGENS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

### 1.1 Surgimento e Caminho das CEBs no Brasil

Embora seja difícil precisar com exatidão o momento histórico em que surgiram as Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, podemos registrá-lo na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Por volta do ano de 1948, neste Estado, mais precisamente na cidade de Natal, em um momento de grande miséria da população, o movimento assume atividades procurando ajudar o povo excluído e sofredor a lutar por situações melhores de vida.

Surge uma ação por parte da Igreja de maneira informal, onde se destacou Padre Eugênio Sales e mais alguns religiosos que davam assistência no campo social, nos trabalhos urbanos e acompanhando a estrutura agrária, uma vez que predominava na região um grande nível de analfabetismo e péssimas condições de moradia, uma situação muito precária, uma população frágil e sem assistência médica e social <sup>3</sup>.

Este pequeno grupo ganha com a chegada de outras pessoas, um grupo de jovens pertencentes a um órgão da juventude masculina católica, interessados em ajudar, ou seja, contribuir com a população das áreas carentes e sem assistência. No ano de 1949 este grupo cria o S A R (Serviço de Assistência Rural), que percorre as Paróquias criando semanas de evangelização, orientando e organizando as comunidades. O grupo foi se organizando cada vez mais e tanto o número de leigos como o de padres foi crescendo.

O Estado do Rio Grande do Norte passa por uma grande seca no ano de 1958 e a Igreja tem uma participação importante na pessoa de Dom Eugênio Salles, ordenado bispo auxiliar de Natal desde 1954. Juntamente com o SAR,

---

<sup>3</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto, *A gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.61.

Dom Eugênio Salles denuncia os abusos e a omissão por parte do governo nesta questão.

A partir deste acontecimento, o Movimento de Natal inicia ações visando, a uma melhor atuação por parte do governo do Estado na questão da educação, na política, no contexto sócio- econômico e na vida religiosa da população.

Também neste período, no Movimento de Natal, surge uma grande experiência de educação de base e consciência política por intermédio de trabalhos radiofônicos. Dom Eugênio Salles, com base no projeto radiofônico existente na Colômbia, introduz além da educação de Base, uma programação religiosa e aspectos sociais e políticos para a formação e conscientização do povo.

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) posteriormente adota o projeto e incumbe aos bispos da região do nordeste, Norte e Centro-oeste a missão de organizar e supervisionar o Movimento de Educação de Base (MEB), desenvolvendo o sistema econômico e a vida espiritual do povo de Deus em suas regiões.

Com o auxílio da CNBB, o Movimento de Natal foi se estruturando e surge um secretariado episcopal que tem como finalidade organizar e coordenar ações que colaborem na formação do Povo, tanto nos aspectos sócio-econômicos e políticos como orientando uma organização sindical para fazer valer as aplicações das leis, de forma que o governo fosse pressionado a exercê-las.

Com o golpe de Estado ocorrido no ano de 1964, o Movimento de Natal perde as forças. O Clero, principalmente o Bispo Dom Eugênio Salles, é acusado em plena Assembléia Legislativa de comunista, cabendo-lhe, mais adiante, transferência para a Arquidiocese de Salvador.

O Movimento de Natal teve como objetivo alcançar mudanças e organização, que viessem colaborar para o bem do Povo, principalmente com aqueles mais excluídos e sem nenhum acompanhamento econômico, social e político.

## 1.2 A Evolução das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil

As Comunidades Eclesiais de Base tornaram-se uma das mais significativas experiências da Igreja Católica no Brasil e na América Latina, não somente após o Concílio Vaticano II, como também na década de 70, momento em que o Brasil viveu o seu momento mais crítico, com a falta de democracia em um período de intensa Ditadura Militar.

A partir destes dois eventos, as CEBs na Igreja da América Latina, particularmente no Brasil, vão aprendendo e assumindo como próprias, as alegrias e dores da humanidade, principalmente dos povos mais pobres, criando relações justas e igualitárias, sinais de presença do Reino de Deus,<sup>4</sup> libertador.

Estas Comunidades Eclesiais de Base foram crescendo num conjunto de Iniciativas políticas e pastorais libertadoras. Grupos de pessoas simples que se reúnem para pensarem juntos a realidade e compromissos de pessoas à luz da palavra de Deus. Sua intenção é encontrar caminhos para que o mundo supere as misérias, a fome, a exclusão, as injustiças, as torturas impostas pela ditadura militar à população que, a exemplo do povo escravo no Egito, clamava por libertação: “... Vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, prestei atenção a seus sofrimentos. E desci para livrá-los dos egípcios”. Ex 2,7-8.

A meta destas Comunidades foi trabalhar na defesa de melhores condições de vida e dignidade para todos. A partir da década de 1960, devido ao contexto social da América Latina, recheado de insatisfações sociais e eclesiais, diante de regimes políticos e militares cada vez mais corruptos, surgem neste Continente, também no Brasil, pequenos grupos articulados e inculturados que fazem uma opção evangélica pelos pobres e se tornam Comunidades de resistência e de comunhão, ou seja, as Comunidades Eclesiais de Base posteriormente, conhecidas como CEBs.

Importante frisar que a ação das CEBs se dá também devido à grande falta de Sacerdotes, uma das preocupações de Dom Agnelo Rossi, bispo da

---

<sup>4</sup> Cf. GS 1.

diocese de Barra do Piraí (RJ), alegando que a população não poderia ficar desassistida face ao crescimento das igrejas pentecostais.

Daí surgiu à grande idéia de uma catequese popular<sup>5</sup> lançada pelo bispo da diocese cuja meta era formar leigos, um grupo de pessoas que pudesse assumir e ajudar na evangelização, anunciando a palavra de Deus a todos os povos, de modo especial no âmbito rural, sem se esquecer dos compromissos de libertação de todas as escravidões impostas pelos regimes político, econômico e militar.

Utilizando da metodologia do ver, julgar e agir, as Comunidades Eclesiais de Base promovem um caminho de libertação e de promoção da dignidade, fazendo com que a humanidade viva esta dignidade na sua realidade, ou seja, na base, organizando-se evangelicamente diante da dominação, tornando-se uma nova opção, um novo espaço de salvação, um novo jeito de ser Igreja, sinal do Reino de Deus.

### **1.3 Igrejas Povo de Deus, um Novo Jeito de Ser Igreja**

Esta maneira de ser Igreja surge das camadas mais simples de nossa Igreja, do meio do povo pobre, dos explorados e oprimidos. Nasce um despertar comunitário apoiado por alguns membros do clero e religiosos que orientavam o povo, fazendo-o perceber a real situação de sua vida e de sua história<sup>6</sup>. É necessário o resgate humanitário da dignidade humana humilhada pelo empobrecimento.

A experiência das CEBs não surgiu de um planejamento prévio, mas de um impulso renovador, como um sopro do Espírito Santo, já presente na Igreja do Brasil. Primeiro, pela emergência de um novo sujeito social na sociedade brasileira e, segundo, pela emergência de um novo sujeito eclesial que ansiava por uma vida ativa na vida da missão da Igreja<sup>7</sup>.

Com o Concílio Ecumênico Vaticano II em plena ação entre os anos de 1962-1965, a Igreja Católica Apostólica Romana passa por um processo de

---

<sup>5</sup> ROSSI, Agnelo. Uma experiência de catequese popular. *Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis: Vozes, n. 17, 1957, p. 732.*

<sup>6</sup> Cf. AZEVEDO, Marcelo de Carvalho. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé. São Paulo: Loyola, 1986, p. 58.*

<sup>7</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986. doc. 25, 7.*

renovação e, como meta, tende buscar a unidade entre os cristãos e o diálogo entre as religiões e o “mundo”.

As Comunidades Eclesiais de Base foram surgindo com um novo ardor missionário, incentivadas para um pastoreio, visando buscar Homens e Mulheres para um mundo novo, para uma terra nova, convidados a formarem uma Igreja de um povo sacerdotal.

Há um esforço para que o individualismo ceda lugar ao sentido comunitário, onde o povo se torna o agente, se torna o sujeito e toma consciência de sua vocação cristã, ou seja, toma consciência de ser Igreja, que é vivida a partir da experiência do “estar junto”.

No Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base possuem um papel importante na vida das pastorais, onde pequenos grupos se organizam e são considerados precursores daquelas, que buscam um novo jeito de ser na Igreja. Pensando neste novo jeito de ser Igreja, estes grupos buscam dinamizar a vida das comunidades com a finalidade de um grande trabalho catequético e missionário.

Com o acontecimento do Concílio Ecumênico Vaticano II, surge um novo tempo para a Igreja e um grande desafio pastoral, onde a Igreja procura caminhar com o povo de Deus. A vida pastoral procura fazer parte da vida comunitária e ser instrumento de evangelização: “Igreja Povo de Deus”.

As Comunidades Eclesiais de Base nascem então para nutrir e ser instrumento de evangelização para o povo de Deus. Incentivar e ensinar por intermédio do Espírito Santo a leitura da palavra de Deus, a salvação por intermédio de Jesus Cristo, conhecer os relatos dos profetas que anunciaram a vinda do Messias: o seu mistério pascal, a sua vida de oração e a partilha do pão.

Como ação missionária, as CEBs, a partir do Concílio Vaticano II, incentiva seus fiéis a assumir um compromisso missionário, transformando estas comunidades em lugares de evangelização<sup>8</sup>.

Também os Bispos no Brasil, no documento 25, lembram que no constante esforço de atuar, refletir e celebrar, as CEBs são uma alternativa de

---

<sup>8</sup> Cf. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulinas* 18ª Edição 2005, n.58

educação para os que buscam uma sociedade nova, onde o individualismo, a competição e o lucro cedem lugar à justiça e à fraternidade<sup>9</sup>.

#### 1.4 A Experiência de Catequese Popular de Barra do Piraí

Foi no Rio de Janeiro, no ano de 1948, em uma localidade denominada Barra do Piraí, que surgiu uma experiência pastoral popular, através de um dinamismo eclesial muito desejado pelo bispo local, para responder a desafios pastorais.

“Em Barra do Piraí: por uma experiência da catequese popular, iniciada por Dom Agnelo Rossi, em 1956, através de um projeto de evangelização que alcançasse toda a sua área diocesana. A preocupação do Bispo era em encontrar um eficiente e prático meio de defesa de fé em face da ameaça protestante. Foi o contexto desta inquietação com a difusão protestante que surgiu a hipótese da catequese popular”<sup>10</sup>.

Devido à grande falta de sacerdotes e para a população não ficar desassistida, e com o crescimento das igrejas pentecostais, na época conhecidas como “igrejas dos crentes”, o bispo, Dom Agnelo Rossi conta com a participação de diversos leigos que diretamente pudessem cumprir tarefas pertencentes ao clero.

Naquele momento, era necessário, de forma urgente, combater a ignorância religiosa do povo. Para isso era necessário organizá-los e orientá-los para não se deixarem levar por qualquer conceito religioso. Foi neste momento que Dom Agnelo Rossi deu início à catequese popular. Para se tornar um catequista bastava ter a capacidade de leitura e o compromisso libertador das Comunidades Eclesiais de Base.

Como tarefas, os catequistas populares tinham a missão de lerem os textos dos escritos da catequese e realizar a reza diária com o povo, além da organização das novenas. Os leigos também, em caráter de emergência, podiam celebrar batizados de emergência e assistência espiritual a pessoas em estado terminal.

---

<sup>9</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986. doc.25,40.

<sup>10</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A gênese das CEBs no Brasil: Elementos explicativos*, São Paulo: Paulinas, 1988, p. 56.

Os leigos passam a ser decisivos na execução das tarefas a eles destinadas, pois o objetivo central é estender a evangelização comprometida com os direitos humanos libertadores em toda a presença eclesial da diocese.<sup>11</sup>

Nota-se que antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, uma diocese localizada no interior do Rio de Janeiro já iniciava um caminho alternativo para a solução de seus problemas pastorais e da vida sócio-política do seu povo.

As comunidades formadas passaram a ocupar todos os territórios da diocese, não apenas lugares que eram centralizados para a celebração, como as capelas, mas também salões comunitários, denominados núcleos comunitários<sup>12</sup>, onde também o povo procurava se organizar e resolver as necessidades existenciais locais.

As Comunidades vão se organizando em seus núcleos comunitários, onde as lideranças e o povo organizam festas com a finalidade de compartilhar alegrias e dores com a população mais necessitada.

Foram ao todo 475 núcleos que chegaram a funcionar na diocese. Inicia-se um controle do clero não alinhado à continuação das recentes Comunidades Eclesiais de Base. Mesmo assim, a comunidade cristã de base permanece como o primeiro e fundamental núcleo histórico eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é sua expressão. É ela, portanto, célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização e fator primordial de promoção humana e desenvolvimento<sup>13</sup>.

## 1.6 Experiências em Nísia Floresta

Com as diversas experiências pastorais acontecendo no Brasil, de modo especial no Estado de Natal, a CNBB confia aos Bispos a missão de organizar e acompanhar o Povo, articulando-se de modo a criar um plano emergencial pastoral.

---

<sup>11</sup> AZEVEDO, Marcelo. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986, p.43.

<sup>12</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.58.

<sup>13</sup> Cf. DM 15.10.

Aqui se busca a experiência pastoral da Comunidade de Nísia Floresta, localizada na arquidiocese de Natal, onde o Bispo D. Eugênio de Araújo Sales (administrador apostólico da arquidiocese de Natal), por volta de 1962, preocupado com o fraco trabalho de evangelização devido à falta de Sacerdotes, pensa em uma solução de buscar ajuda nas Ordens Religiosas femininas, que contavam por volta de 40.000 religiosas.

“Temos quase 40.000 religiosas no Brasil. Todas se dedicam a obras muito boas. Mas será que essas obras são as mais urgentes e necessárias à Igreja de hoje? Se uma quarta parte das religiosas se dispusesse a assumir as paróquias sem padre, estaria resolvido esse grande problema”<sup>14</sup>

Em Junho de 1963, a CNBB, representada por seus coordenadores regionais, juntamente com alguns Movimentos Nacionais em Ipanema, Rio de Janeiro, trabalha com o intuito de avaliar de que forma colocaria em prática o Plano Emergencial de Pastoral.

Escolhida foi à cidade de Nísia Floresta, para onde são enviadas quatro Irmãs Missionárias da Congregação Jesus Crucificado para receberem orientações do clero na questão de como celebrar a liturgia, como atuar na área administrativa das Comunidades, como trabalhar na promoção social e espiritual.

Juntamente com as Religiosas, também completam a equipe grupos de sociólogos, assistentes sociais, agrônomos e nutricionistas, para uma assistência rural, social e de promoção humana.

Os frutos colhidos deste Plano de emergência foram logo surgindo entre a Comunidade, sentia-se a alegria do Povo em participar da vivência comunitária alcançada pelo grande esforço promovido pela equipe na formação de novos missionários que surgem na própria comunidade, tanto jovens como adultos, que se comprometem com a evangelização, com a catequese, com os sacramentos, na pastoral popular.

Percebe-se neste movimento a grande participação do povo de Deus, devido ao excelente trabalho aplicado pela equipe missionária com dedicação, responsabilidade e amor.

---

<sup>14</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto, *A gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988, p 67.

Podemos concluir que, mesmo com a falta de sacerdotes, a Igreja necessita de evangelizadores bem formados, que possam levar adiante o projeto do Senhor Jesus, operários que trabalhem todos os dias para a construção do Reino de Deus. E foi assim que surgiram as CEBs, um novo jeito de ser Igreja.

## CAPÍTULO II

### COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE ATUANDO NA EVANGELIZAÇÃO

#### 2.1 As CEBs Após o Concílio Ecumênico Vaticano II.

Uma nova etapa surge para a Igreja a partir da convocação do Papa João XXIII, para a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, que teve seu início no dia 11 de outubro de 1962. Como fruto deste Concílio, surgem diversos documentos que colaboraram para muitas mudanças, entre elas, a questão social que exigiu revisão na postura e pensamento da Igreja.

Menciono aqui duas Constituições do Concílio Ecumênico Vaticano II, que foram importantes na colaboração na missão da Igreja como Povo de Deus e uma visão para o mundo. A primeira foi a Constituição Dogmática “Lumen Gentium” que mostra a importância da Igreja, definindo-a como Povo de Deus, que tem a missão de ser um povo que colabora com a evangelização para a instauração do Reino de Deus logo, uma Igreja Missionária<sup>15</sup>.

Já a Constituição Pastoral Gaudium et Spes nos dá uma visão de que a Igreja e o mundo de hoje podem se relacionar de maneira solidária:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua humanidade se constitui de homens que reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história”<sup>16</sup>

Portanto, o Concílio Vaticano II se apresenta na história da Igreja para renovar e impulsionar a obra evangelizadora. As CEBs vão se organizando em grupos de reflexão e iniciam buscas de formas alternativas de viverem dignamente, a partir de uma construção contínua da fraternidade, da solidariedade e da justiça.

---

<sup>15</sup> L G 17.

<sup>16</sup> G S 1.

Motivada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, a Igreja na América Latina assume como próprias as alegrias e dores da humanidade, principalmente dos pobres a partir da base, criando relações justas e igualitárias, sinal da presença do Reino de Deus.

As CEBs surgiram e atuam no Brasil nesta diversidade de situações locais onde se buscam respostas por intermédio da palavra de Deus, diante da dominação humana se organizando por uma evangelização libertadora.

Faustino Teixeira comenta em seu livro direcionado às CEBs no Brasil, que o impacto produzido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, provocou uma grande ruptura eclesial, questionando o imobilismo tradicional e suscitando um movimento acelerado de transformação.

“Na América Latina, o Concílio Ecumênico Vaticano II teve efeito de um violento terremoto. De repente, todos os esquemas e todas as estruturas da Igreja foram questionados. Despertou energias criou-se um espírito novo de coragem de iniciativas nos mais diversos setores. Não seria possível imaginar a experiência das CEBs fora deste contexto de renovação conciliar<sup>17</sup>.

O Concílio veio questionar e provocar uma ruptura eclesial como também suscitar mudanças bem aceleradas; suscitou também uma idéia de uma Igreja dentro do mundo, solidária com o gênero humano e com sua história. Uma Igreja aberta ao diálogo, aberta às fontes, em comunhão com a humanidade, abrindo espaço para críticas, para revisões de posições.

O Teólogo Contemporâneo do século XX, Karl Rahner, mencionou em uma de suas obras que o Concílio Ecumênico Vaticano II “significou um começo de renovação que implicava uma redefinição da própria missão da Igreja”<sup>18</sup>.

O Concílio Ecumênico Vaticano II já havia sido convocado, no Brasil vivia-se em clima de preparação para ele quando a CNBB, na sua 5ª Assembléia Geral Ordinária, de 02 a 05 de abril de 1962, em resposta ao pedido do papa, discutiu e encaminhou as linhas do plano de emergência para

---

<sup>17</sup> Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A gênese das CEBs no Brasil: Elementos explicativos*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.202

<sup>18</sup> Cf. RAHNER, Karl. *Vaticano II: Um Começo de Renovação*. São Paulo, Herder, 1966, p. 16.

a Igreja do Brasil. Este plano recomendava identificar as comunidades naturais e iniciar o trabalho de evangelização a partir da realidade que apresentavam<sup>19</sup>.

Voltando ao surgimento das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, não podemos nos esquecer que elas emergem na época da ditadura militar brasileira<sup>20</sup>. As CEBs propõem um sistema alternativo de vida fraterna, social, justa, solidária, de comunhão e participação.

Estes valores são reconhecidos e assumidos pelos seus membros, pois a Igreja não pode ficar indiferente à miséria, ao jeito desumano que a trajetória capitalista trouxe.

Com as CEBs, a partir de 1968, renasce um jeito profético de viver o cristianismo. As comunidades “assumem a luta pela justiça e redescobrem também a vivência fraterna das primeiras comunidades que se reuniam para colocar em comum a oração, a fração do pão e a partilha dos bens. Uma verdadeira experiência relacional a seguir para a nossa libertação”.<sup>21</sup>

## 2.2 Como são constituídas as CEBs?

As comunidades Eclesiais de Base são grupos que se formam, no meio do povo mais pobre, quer no interior, quer na periferia das cidades, para refletir sobre a vida a partir da leitura da Bíblia. O local onde se reúnem não é importante a princípio, mas no decorrer da caminhada se transforma em um local de encontro para as celebrações dominicais e sede de todos os trabalhos que pretendam realizar.

Nota-se em termos gerais a preocupação das CEBs de se situarem como comunidades cristãs dentro da Igreja como globalidade. Elas constituem uma força capaz de enriquecer e dinamizar os aspectos da Igreja-instituição e representam um apelo para maior vivência dos valores autenticamente comunitários da mensagem evangélica lida e vivida pelo contato próximo e constante que as CEBs tem com a Bíblia.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986 doc.25,7.

<sup>20</sup> Cf. LIBÂNIO, João Batista. *As grandes rupturas sócias culturais e eclesiais*, Petrópolis: Vozes, 1979, p. 148.

<sup>21</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986, doc. 25, 12.

<sup>22</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: Experiências e Perspectivas- 2ª edição*. São Paulo: Paulinas, 1979, doc 23, p.41.

Quanto ao início das CEBs, não há um documento civil que vincule o grupo de fiéis, esse grupo de leigos não possui estatuto, não é uma associação, é parte da Igreja Católica Apostólica Romana. Ligação que a princípio é fundamentada no puro espírito de pertença religiosa, pois juridicamente a ligação só começa a se estabelecer quando o terreno do templo passa a ser propriedade da Instituição, o que não é nada fácil de regulamentar, já que a maioria dos lotes em que houve construção da capela das CEBs foi doada de maneira informal, seja por particulares, seja por entidades públicas.

O surgimento das CEBs em seus primeiros passos iniciou-se em áreas rurais que eram ocupadas ilegalmente por grupos de cristãos leigos, geralmente pobres, que se reuniam regularmente nos centros construídos como local comunitário, a fim de ouvir e aprofundar a Palavra de Deus, alimentar a comunhão fraterna e assumir o compromisso cristão no mundo.

Chamamos Comunidades porque são grupos formados por pessoas a partir do lugar onde moram, nos bairros, periferias, centro, morros e zona rural que procuram viver relações fraternas de partilha, solidariedade e serviço.

Dizemos Eclesiais, por se tratar de grupos de seguidores dos exemplos de Jesus Cristo, dos apóstolos, em comunhão com a Igreja. É da Base porque está presente desde o começo da Igreja com os primeiros Cristãos e também porque é vivida pelo povo que está na base humana e cristã, gente pobre e pessoas que se colocam ao lado dos pobres.

O grau de organização das CEBs é ampliado a partir do nascimento dos Conselhos de Comunidade. Formula-se um tipo de regimento interno que regulamenta o funcionamento do Conselho e a maneira como ele deve administrar a comunidade.

A década de 1970 assinala o fortalecimento das CEBs, foram anos marcados pela vitalidade da articulação entre a fé e vida, de sua criatividade bíblica e litúrgica. O fechamento da conjuntura política e o bloqueio dos vários canais de expressão popular favoreceram a unidade pastoral.<sup>23</sup>

Surge à idéia de fazer um encontro das CEBs, nascida entre uma conversa informal de Dom Luís Gonzaga Fernandes, mais conhecido como “O

---

<sup>23</sup> Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os encontros intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 23-24.

Bispo das CEBs”, e o historiador Eduardo Hoornaert em janeiro de 1974. A idéia original do Intereclesial era bem precisa, pois era necessário realizar um encontro que envolvesse Bispos que partilhavam da mesma caminhada popular de Igreja, para conversar sobre as experiências vividas.

Por que não fazer uma reunião das CEB's que estão surgindo por esse Brasil afora? Não um encontro nacional, mas um bate-papo entre amigos, entre Igrejas que estão tendo uma caminhada parecida. Quando a gente se reuniu naquele janeiro de 1975, ninguém podia imaginar a dimensão que esses encontros iriam tomar.<sup>24</sup>

A palavra Intereclesial foi criada com muito cuidado, uma atitude considerada crítica, uma vez que poderia ser entendida como uma fuga de contato com a CNBB, por isso foi evitado mencionar como “*Encontro Nacional*”, e também por isso buscou-se um título neutro.

O primeiro encontro Intereclesial aconteceu em Vitória-ES, e dele participaram em torno de 70 pessoas, entre eles, bispos, padres e outros religiosos que representaram a participação de 12 estados diferentes. Teve como tema: “CEBs, uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”. Após este, aconteceram mais 12 em diferentes estados do país e, atualmente, estão preparando o 14º encontro, que acontecerá em 2016, na cidade do norte paranaense, cujo tema será: “*Comunidades Eclesiais de Base e os desafios no mundo urbano*”, e o lema recorda o livro do Êxodo. “*Eu vi e ouvi os clamores do meu povo e desci para libertá-lo*” (Ex 3,7).

### **2.3 As “CEBs” nas Conferências Episcopais**

O Conselho Episcopal Latino Americano e Caribenho foi criado em 1955 e tornou-se importante organismo para a história das Comunidades Eclesiais de Base na América Latina.

O CELAM é criado, após estudos criteriosos que envolvem a vida da Igreja, devido a muitos problemas e dificuldades gerados nas paróquias e comunidades, em suas pastorais vinculadas a Igreja da América Latina. Entre os motivos que originaram esse tipo de reunião estão às dificuldades

---

<sup>24</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os encontros intereclesiais de CEB's no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 24-25,

encontradas para a celebração dos concílios, forma tradicional de reunião dos bispos para discutir questões em níveis gerais.

O resultado dos estudos é conduzido ao conhecimento dos bispos da América Latina e estes se unem e pedem ao Papa Pio XII que possam instituir um Conselho Episcopal Latino Americano que pudesse representá-los.<sup>25</sup>

Uma característica forte das conferências é que elas são constituições territoriais nacionais, destinadas a promover um trabalho de pastoral de conjunto. A Conferência Episcopal da América Latina é uma particularidade, já que reúne diversas nações.<sup>26</sup>

Penso que em falar das conferências episcopais entraríamos em campo enorme, no qual a sua origem está ligada ao século passado e já pensada em outro pontificado papal.

Em se tratando das “*Comunidades Eclesiais de Base*”, observa-se que foi objeto de proposta por Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, como condição para um caminhar na base, atuar na evangelização e na missão da Igreja no continente e, sobretudo, anunciar Jesus Cristo nos ambientes desafiadores, onde muitos que dizem ser igreja não querem ir.

### **2.3.1. Medellín**

Trata-se da II Conferência Geral Latino Americana e sua realização deu-se em Medellín (Colômbia), em 26 de agosto a 04 de setembro de 1968, convocada pelo Papa Paulo VI.

Procura aproximar a Igreja da realidade social, da vida do povo, de um povo sofredor, que tem sua fé, que acredita na Igreja e em Jesus Cristo.

O contexto social na época foi marcado pelos desenvolvimentos das cidades latino-americanas, metrópoles com grandes migrações de migrantes que se instalam em periferias em situações de miséria e grande pobreza.

A Igreja naquele momento vivia os primeiros anos do pós Concílio Vaticano II, um momento de renovação, onde surge o anseio de se aplicar o

---

<sup>25</sup> Cf. CRIPPA, Giovanni. *A Criação do Celam*. Coletânea de Artigos pelos Caminhos da América. São Paulo: Parma, 2006, p.10.

<sup>26</sup> Cf. C.O'DONNELL; S.PIE-NINOT. “*Conferencias episcopales*” in *Decl, San Pablo, 2001, p.212*.

concílio e que a Igreja na América Latina possa ter o seu próprio rosto perante as situações sociais e políticas vividas pelo povo.<sup>27</sup>

È necessário que aconteçam as reformas sociais e ir contra as injustiças sociais, combatendo as situações de violência e de instabilidade social. A proposta é clara, pois se trata de assumir a luta dos pobres pela transformação social.

Daqui saem duas propostas importantes para a vida da Igreja latino-americana: a valorização da ação política e das comunidades eclesiais de base (CEBs).<sup>28</sup>

### 2.3.2. Puebla

A III Conferência Episcopal realizou-se em Puebla de los Angeles (México), de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Cercada de expectativas e procurando enxergar as questões relacionadas à “evangelização no presente e no futuro da América Latina”. Segue a linha de continuidade com Medellín.

A base de toda a reflexão foi a Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” de Paulo VI. Como citei, Puebla retomou o acontecimento profético de Medellín em seus pontos de partida, suas perspectivas de recolocar em pauta o tema: “A Igreja na atual transformação da América Latina a luz do Concílio Vaticano II”. A Conferência projeta seus planos a uma profunda opção pastoral:

- a) Uma integral libertação em Cristo Jesus dos pobres e oprimidos, que são a maioria, a liberdade de sua religiosidade popular.
- b) Pelas Comunidades Eclesiais de Base, como expressão nuclear da Igreja, mantendo o foco na evangelização e participação de todos.

---

<sup>27</sup> CAZALLAS. Serrano Ramón. *A conferência de Medellín. Coletânea de Artigos pelos Caminhos da América. Op.cit.p.13.*

<sup>28</sup> A comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é sua expressão. É ela, portanto, célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização e atualmente fator primordial de promoção humana e desenvolvimento (DM 15.10). Conselho Episcopal Latino-Americano. Documentos do CELAM: conclusões das Conferências, do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo- (Vários autores/Vários tradutores). São Paulo: Paulus, 2004, p. 210.

No documento de Puebla, as Comunidades Eclesiais de Base são tratadas mais detalhadamente na parte que cita os n. 618 aos 657, onde são estudadas juntamente com a paróquia e a Igreja particular de forma unitária, sob o título geral de centros de comunhão e participação. Sendo assim, as CEBs formam a rede de base da paróquia e da diocese. Base e diocese acontecem simultaneamente.<sup>29</sup>

### 2.3.3. Santo Domingo

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano realizou-se em Santo Domingo, de 12 a 28 de outubro de 1992, na República Dominicana. Ela foi inserida no calendário de festividades da celebração dos 500 anos da América, início da evangelização.

Em continuidade com Medellín e Puebla podemos considerar que se dá um novo passo. A palavra chave que podemos considerar em Santo Domingo foi trabalhar a questão da inculturação, ou seja, uma profunda atenção à promoção humana.

As CEBs são destacadas na segunda parte do documento (Nova Evangelização), onde trata de Cristo Jesus, evangelizador, vivo em sua Igreja e são apresentadas como elemento de estrutura paroquial.<sup>30</sup>

A Conferência de Santo Domingo conclui enfatizando dois pontos que considera necessário:

Ratificar a validade das Comunidades Eclesiais de Base, fomentando nelas o espírito missionário e solidário e buscando sua integração com a paróquia, com a diocese e com a Igreja universal, em conformidade com os ensinamentos da *Evangelli Nuntiandi* (cf.n.58).- Elaborar planos de ação pastoral que assegurem a preparação de animadores leigos que assistam estas comunidades, em íntima comunhão com o pároco e com o bispo.<sup>31</sup>

Santo Domingo traz uma retomada da anterior perspectiva aberta por Medellín e Puebla no modo de reconhecer a caminhada das CEBs, ou seja, testemunho profético vinculado às primeiras comunidades, também pela opção preferencial pelos pobres, numa Igreja comprometida com as lutas por um tempo melhor em que predominem a justiça e a solidariedade.

---

<sup>29</sup> MARINS, José. *Puebla e as Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo, Paulinas, 1980, p.38.

<sup>30</sup> Ibidem. As Comunidades Eclesiais de Base são células vivas da paróquia, entendida como comunhão orgânica e missionária. p, 665. (SD 61).

<sup>31</sup> Cf. SD 63.

#### 2.3.4. Aparecida

Trata-se da V Conferência Geral convocada pelo Papa Bento XVI, realizada de 13 a 31 de maio de 2007, em Aparecida (Brasil). Em continuidade com as outras que a precederam, Medellín, Puebla e Santo Domingo, Aparecida quer dar um novo impulso pastoral à vida e a missão da Igreja.

A conferência procurou responder à pergunta: como ser Igreja na atual situação da América Latina? Para tanto, analisou a realidade social, econômica, política, cultural, religiosa e eclesial do continente. Confrontou-a com a perspectiva teológica escolhida, a saber, como ser discípulo e missionário em tal contexto histórico e conclui com propostas de ação pastoral retomando o método ver- julgar- agir.

Em Aparecida, foi proposta uma Igreja “*discípula*” de Jesus Cristo e toda ela missionária, com especial apelo às CEBs, para se colocarem à frente do novo esforço, de retomar o projeto missionário da Igreja.<sup>32</sup>

No entanto, se percebe hoje no contexto social e urbano, que as CEBs passam por um momento de dificuldade e estancamento. Essa situação precisa ser analisada, pois se trata do modelo de Igreja a ser defendido e construído, sinal e testemunho da sociedade que quer ser missionária e se edificar.

Sem dúvida, as Conferências Episcopais Latino Americanas reconheceram o potencial eclesiológico das CEBs, sobretudo pastoral. Se em Medellín elas foram reconhecidas como célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização, em Puebla dá um passo mais além: ali se constatou que as CEBs permitiram o povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, um compromisso social em nome do Evangelho.

Portanto, Aparecida contempla, reafirma e impulsiona as CEBs. Mas também contempla o surgimento de outras novas comunidades eclesiais, ou seja, outras novas comunidades com novos carismas que estão aparecendo para auxiliar nas missões e evangelização.

---

<sup>32</sup> Cf. DAp, n.178.

## 2.4 Comunidades de Comunidades

Após o Concílio Vaticano II, as Comunidades Eclesiais de Base no Brasil procuram inserir-se em um amplo contexto de busca do comunitário, ou seja, buscam viver uma experiência comunitária na comunidade definida como Igreja, povo de Deus.

No mundo urbano de nossa sociedade, nota-se o surgimento de diversos pequenos grupos, depois denominados como pequenas comunidades inseridas em nossas paróquias.

Aqui é importante frisar que essas comunidades, estes pequenos grupos, vão surgindo com o incentivo do clero e religiosos (as), mas também de leigos que são orientados pelos planos de pastorais que buscam manter o trabalho em conjunto.

A partir do momento em que esses grupos vão surgindo, procura-se desenvolver uma vida de caridade em relação aos outros, mesmo que não sejam cristãos, mas que busquem uma vida litúrgica e que celebrem a verdade, a dignidade e a fraternidade.

Também é importante aqui refletir sobre dois modelos de Comunidade-Igreja, a “ação missionária” e a “ação pastoral”. Somos convocados a tomar consciência da situação eclesial, onde a Igreja e sociedade estão envolvidas por um fenômeno chamado de globalização.

É necessário que a Igreja, que é missionária e pastoral, assuma uma posição corajosa ao lado da justiça e da compaixão em favor de todos que se transformam em vítimas do processo da sociedade de fortes e poderosos.

Voltar ao Concílio Vaticano II, que em seu curso marcou por diversos momentos a Igreja. Um dos momentos que se destacou ocorreu quando a Igreja representava somente uma sociedade hierárquica, ou seja, um modelo institucional. Outro momento surgiu durante o Concílio, onde a Igreja é percebida como modelo de comunidade, eclesiologia de comunhão.

As CEBs são um instrumento que permite ao povo “chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do

Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos”.<sup>33</sup>

Elas “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja”, mas para isso é preciso que elas não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local. Mantendo-se em comunhão com seu bispo, e inserindo-se no projeto da pastoral diocesana, as CEBS se convertem em sinal de vitalidade na Igreja Particular.<sup>34</sup>

No Brasil, a CNBB, a partir dos anos 80, passa a olhar as Comunidades Eclesiais de Base com muito carinho, quer escutá-las e conhecer as suas dificuldades<sup>35</sup>, porque acredita que as CEBs estão ligadas intimamente à história do povo. As CEBs constituem uma realidade que expressa traços dinâmicos e de vitalidade na vida da Igreja.<sup>36</sup>

No ano de 2011, na cidade de Aparecida, interior de São Paulo, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na 49ª assembléia geral, ocorrida de 04 a 13 de maio, aprovou as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015.

No caminhar em busca de vida comunitária, constata-se a presença das comunidades eclesiais de base, as CEBs, que, alimentadas pela Palavra, pela fraternidade, pela oração e pela Eucaristia, são sinais, ainda hoje, de vitalidade da Igreja. São também presença eclesial junto aos mais simples, partilhando a vida e com ela se comprometendo em vista de uma sociedade justa e solidária. Vêm-se atualmente desafiadas a não esmorecer, mas a discernir, na comunhão da Igreja, caminhos para enfrentar os desafios oriundos de um mundo plural, globalizado, urbanizado e individualista. Também elas se deparam com os desafios da mudança de época.<sup>37</sup>

As CEBs se caracterizam em geral pela formação de comunidades territorialmente estabelecidas com forte acento missionário, ligado ao compromisso sócio transformador. Têm sua centralidade na Palavra de Deus, na Eucaristia e no valor do pequeno grupo que forma a comunidade, a fraternidade e a solidariedade que engajam o cristão em favor do Reino de Deus, e contribuem com a conversão pastoral da paróquia.

---

<sup>33</sup> DAp, n. 178.

<sup>34</sup> DAp, n. 179.

<sup>35</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986 doc.25,1.*

<sup>36</sup> *Ibidem, doc 25,5.*

<sup>37</sup> Cf. CNBB. *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja do Brasil. doc 94,60.*

## **2.5 Igreja e Sociedade, juntos por uma vida justa e fraterna**

Em 1965, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dá início ao seu primeiro Plano Pastoral de Conjunto, onde buscava se atualizar diante das novas perspectivas eclesiais definidas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

A partir desse plano a Igreja analisou e definiu sua ação missionária, catequética e litúrgica (ações tradicionais), e assumiria também dimensões comunitárias e transformadoras, bem como sociais e políticas para que pudesse atender às reivindicações do povo e da sociedade menos favorecida.

Com esta nova investida por parte da Igreja, o intuito era poder se aprofundar, estar presente nas ações transformadoras no mundo, bem como na dimensão ecumênica, também valorizada pelo Concílio.

Essa orientação iria diferenciar a Igreja Católica Apostólica Romana das demais Igrejas, ao fazer com que se multiplicassem suas Comunidades Eclesiais de Base em suas paróquias e comunidades, vilas e lugarejos, estimulando os fiéis para uma atuação mais diretamente política e tendo a CNBB como uma grande parceira e apoiadora, mas também como uma presença forte e avaliadora nos embates políticos e éticos vividos no Brasil.

Com o Concílio Vaticano II assumindo a Igreja como povo de Deus, as CEBs com seu caráter fundamentalmente popular, formou-se uma base social importante, principalmente no processo de redemocratizar o país, em que diversos leigos assumiram e engajaram-se na luta por uma sociedade mais justa e fraterna.

Esse novo jeito de ser Igreja, e a expansão no Brasil no campo da justiça e da igualdade, revendo os conceitos de cidadania e respeito aos direitos conquistados, se deve às conquistas e lutas encaminhadas pelas CEBs, que agindo de maneira consciente, conduziram nossos Bispos e leigos engajados a cumprirem um papel decisivo na luta contra a tortura e contra o regime militar implantado no Brasil.

Toda ação das CEBs, ao lutar por situações igualitárias e por um sistema democrático em benefício da sociedade, possuía um sentido não somente político, mas um sentido de justiça e igualdade.

Uma visão de Igreja foi assumida pelo Concílio Vaticano II, a visão de uma Igreja Povo de Deus (Rm 9,25s). O Concílio privilegia a imagem de Povo

de Deus para descrever a Igreja e dedica todo um capítulo de uma Constituição<sup>38</sup> com esta descrição, dizer que a Igreja é Povo de Deus.

Com isso as CEBs assumem um caráter fundamentalmente popular, passam a constituir uma base social importante no processo de redemocratização do país, com um número crescente de leigos engajados na ação por uma sociedade mais justa e igualitária.

Foi nesta perspectiva a atuação durante a ditadura militar, acontecimento vergonhoso implantado no Brasil desde 1964, que procurava esmagar quem a ela se opunha.

Durante esse momento terrível que o Brasil viveu, os Bispos e Leigos cumpriram um papel decisivo na luta contra a tortura implantada pelo regime militar. A Igreja Católica foi à única instituição que possuiu força e autoridade moral para denunciar, até mesmo em nível internacional, essa prática vergonhosa que manchou a história brasileira.

Foi criada a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, tendo à frente o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Com o fim do regime militar, a Igreja teve atuações especialmente significativas, como a construção de uma democracia participativa no Brasil. Nos anos de 1985 a 1988, e depois nos anos 1997 a 1999, dois momentos em que a Igreja teve sua participação, sendo criado um processo constituinte e também uma campanha de valorização do voto através do combate à corrupção eleitoral.

A Igreja se lança de forma decisiva na luta por uma nova constituição e, com o fim do período da ditadura militar, pela eleição indireta na escolha do Presidente da República, em 1985. Neste período, um grupo de leigos e entre eles Betinho (Sociólogo), e também com a participação da Igreja na figura de Dom Mauro Morelli, bispo da diocese fluminense de Duque de Caxias, juntos iniciaram a luta pela democracia e por uma nova Constituição. Com outras personalidades elaboraram um projeto a ser submetido a uma assembléia constituinte.

Some-se a isso peso político da CNBB, principal animadora dessa iniciativa, que também apóia a participação popular no processo da constituinte para nova Constituição. Com o apoio da Igreja e o apoio de todo o povo de

---

<sup>38</sup> KLOPPENBURG, Boaventura O.F.M. *O Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 21ª Edição. Petrópolis: Vozes-1991.*

Deus, resulta na aprovação da lei 9.840, de 28 de setembro de 1999, que ficou conhecida como “lei dos bispos”.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup>Cf. Democracia, Igreja e Cidadania: *desafios atuais*/Ivo Lesbaupin, José, Ernane Pinheiro (organizadores)- São Paulo:Paulinas,2010- A contribuição da Igreja Católica do Brasil para a democracia participativa.-Chico Whitaker.

## CAPÍTULO III

### CEBs E OS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

#### 3.1 As Comunidades Eclesiais de Base e seus Desafios.

Há momentos e situações na história da Igreja em que o Evangelho volta a ser ouvido e acolhido como a Boa-Nova do Reino. Em sua novidade original, o evangelho tem o poder de força, libertação e salvação, que faz o cego enxergar, o mudo ouvir e converter e transformar os corações.

Tudo isto acontece quando os pobres são evangelizados (Lc 7,22), quando a boa-nova é anunciada de uma forma pura, livre e destemidamente aos pobres e excluídos. Ela acende neles (pobres) o fogo da esperança, transforma suas vidas e leva as comunidades a criarem novas formas de vida, inventar, caminhando juntos para uma forma de viver aberta e comprometida.

A partir do evangelho, o sonho e a prática de Jesus Cristo foram levados adiante pelas comunidades nascidas da Boa Nova. Também através da morte e ressurreição de Jesus, os seus discípulos assumem a missão de anunciar o Reino de Deus, fazendo discípulos e apóstolos, homens e mulheres de boa vontade.

Na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua 48ª Assembléia, entre os dias 04 a 13 de maio de 2010, em Brasília-DF, os Bispos, se dirigindo às Comunidades Eclesiais de Base, disseram que as mesmas constituem no Brasil uma realidade que expressa um dos traços mais dinâmicos da vida da Igreja.<sup>40</sup>

As CEBs, mesmo com as grandes mudanças que estão acontecendo no Brasil e no mundo, continuam sendo um “sinal da vitalidade da Igreja” (Rm 51), o importante é permanecer atentamente à escuta da Palavra de Deus, viver a fraternidade, celebrar os mistérios cristãos e assumir os projetos que foram traçados para a transformação da sociedade. A II Conferência Latino

---

<sup>40</sup> Cf. CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986 doc.25,1.*

Americana, que aconteceu em Medellín, uma cidade colombiana no ano de 1968, afirma: “As Comunidades de Base são o primeiro e fundamental núcleo eclesial, célula inicial e foco da evangelização, fator primordial para a evangelização”.<sup>41</sup>

Hoje as Comunidades Eclesiais de Base, com certeza, estão mais vivas do que nunca, de modo especial em todos aqueles que permanecem fiéis a Jesus Cristo e ao seu Projeto, ao Reino de Deus e principalmente à vida dos pobres.

Para que as CEBs continuem vivas e eficazes ao seu projeto, ou seja, para manter esta fidelidade, é necessário que elas se adaptem e se renovem de maneira que o Evangelho seja vivido a tal ponto que se busque conhecer o que as diversas culturas atualmente estão vivendo. É necessário penetrar as diversas culturas, situações e realidades para que a Boa Nova seja comunicada sem que perca a identidade original, que significa a fidelidade à Jesus Cristo.<sup>42</sup>

O mundo atualmente vive no individualismo, um tremendo egoísmo, na acumulação de bens. O dinheiro e status são mais importantes na vida da sociedade do que o próprio ser humano. Investe-se muito na vida de um jogador de futebol, em uma competição de futebol, na construção de estádios, o Brasil vivendo um grande momento de corrupção causado por políticos, em quem o povo tanto depositou suas esperanças e em troca recebe, ouve e sente em suas vidas tantas decepções e cada vez mais sofrendo com dramas, misérias e sem direito a uma vida digna. As CEBs serão sempre uma alternativa, de modo especial para os mais sofredores, para que encontrem a esperança de um “mundo possível”.

Comunidades Eclesiais de Base, Igreja do passado, do presente e do futuro, porque são obra de Deus e de seu Espírito Santo que atua na história. As CEBs continuam fazendo um caminho que mantém viva a “espiritualidade libertadora”.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. CNBB. *48º Assembléia Geral- Brasília: 4 a 13 de Maio de 2010.*

<sup>42</sup> Cf. CEBs. *Comunidades Eclesiais de Base: Que são? Donde vêm? Disponível em: <http://www.cebsuai.org/p/cebs-comunidades-eclesiais-de-base.html>. Acesso em: 25 julho 2015, 17:29:15.*

<sup>43</sup> Ibidem.

O saudoso Teólogo, Padre João Batista Libânio, em uma entrevista concedida a Revista Missões, editada pelos missionários da Consolata no Brasil, ao perguntarem a ele: As CEBs são “*consideradas como novo ou velho jeito de ser Igreja*”?

Padre Libânio responde, dizendo: A Igreja, especialmente em tempos de pluralismo, convive com expressões eclesiais diferentes, umas arcaicas, outras modernas, outras antecipando o futuro. As CEBs são e serão sempre um jeito de ser Igreja. Elas vivem a palavra pelo exercício e prática da leitura orante e fidelidade a palavra de Deus, mantém o compromisso social, a participação de todos e buscam sempre a comunhão com os pobres.<sup>44</sup>

Também o saudoso Dom Aloísio Lorscheider, em uma publicação lançada no ano de 2008 pela Editora UFC, disse “A Igreja necessita das Comunidades Eclesiais de Base no mundo de hoje, sobretudo no mundo dos empobrecidos, dos marginalizados, dos esquecidos. A Igreja é e deve ser essencialmente comunidade de fé e de luta, construindo laços fraternos de verdade. Todos os movimentos católicos e todas as pastorais devem ter as CEBs como modelo, como forma de ser Igreja”.<sup>45</sup>

### **3.2 As Comunidades Eclesiais de Base do Século XXI**

Nos dias de hoje, quando se fala em CEBs, muitas pessoas torcem o nariz, já se fala em movimento revolucionário, se fala em movimento comunista, porque já as associam mais que depressa à Teologia da Libertação, realidade vivida nos anos 80 e 90, pelo fato deste movimento estar presente no âmbito político, afirmando que a Igreja mais apoiava partidos políticos revolucionários do que o próprio Evangelho de Jesus Cristo.

As CEBs não morreram. Ao longo da história elas foram se adaptando e encontrando seu caminho. Elas foram se transformando, foram buscar aliar a fé e política, espiritualidade e compromisso social, além de promoverem o caráter ecumênico e inter-religioso.

---

<sup>44</sup> J.B.Libânio. *A Igreja em busca de um caminho (2)*. O Olhar Teológico. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/artigos/ler/id/190.htm>>. Acesso em: 25 julho 2015. 18:53:15.

<sup>45</sup> O GRUPO. *Mantenham as lâmpadas acesas. Revisitando o caminho, recriando a caminhada*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

Nos encontros intereclesiais, procura-se trocar experiências, busca-se orientar-se juntamente ao clero e viver em sintonia com a Igreja e seus Pastores para a vivência do Evangelho Vivo e Atuante no meio do povo sofrido sem vez e sem voz.

No Documento de Aparecida a Igreja, Povo de Deus é convocada a ser discípula, missionária e servidora, ir ao encontro do seu povo, tornando-se fermento e luz, por isso nossas comunidades e pastorais precisam ser verdadeiramente e decididamente missionária, ir ao encontro de seu povo.<sup>46</sup>

A Igreja Latino-Americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e de justiça entre nossos povos.<sup>47</sup> Com a organização dos pobres se fortalece a esperança de outra Igreja, de outro mundo possível.

Em tempos modernos, com meios de comunicação super avançados, mas sendo utilizados de forma concreta, como instrumentos de articulação de socialização em um mundo globalizado e globalizante, as CEBs seguem seu caminho se atualizando, fazendo com que os cristãos não sejam induzidos a esquecerem que Deus se revelou ao seu povo, de modo especial aos mais pobres e marginalizados. As CEBs entendem que o resgate permanente da história manterá viva a espiritualidade libertadora e o fortalecimento do sonho de uma sociedade mais justa e igualitária.

Esse jeito de ser Igreja não perderá sua importância enquanto no mundo houver fome, miséria, opressão, exclusão, injustiça, corrupção, falta de respeito com a humanidade e o meio ambiente. A intervenção das CEBs se dará em diferentes modos, sobretudo no apoio aos projetos alternativos baseados na economia popular e solidária, junto às classes dos mais sofridos e marginalizados.<sup>48</sup>

Os desafios são muitos, enormes e permanentes. As CEBs são limitadas, mas sua luta não pode ser contida. Através do trabalho de “*formiguinha*”, dos encontros dos intereclesiais, do estudo de diversos temas, se buscam novas estratégias de articulação para seu fortalecimento.

As Comunidades Eclesiais de Base intensificam a sua trajetória nos trilhos da história, marcadas por muitas dificuldades, dispostas a enfrentar os

---

<sup>46</sup> Cf. DAp 301.

<sup>47</sup> Ibidem, 396.

<sup>48</sup> Documentos do Celam: *conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p.210.*

desafios que surgem no contexto atual. Estes desafios tendem a se multiplicar e se acentuar na inculturação e promover uma religião popular, no impulso missionário no mundo dos empobrecidos, na espiritualidade, na promoção de uma inclusão libertadora, formar novas lideranças; manter viva a identidade das CEBs, ser fermento profético e comprometer-se com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso.

Nesse contexto, as Comunidades eclesiais de Base vêm contribuindo de forma decisiva para não permitir que a tradição e também seus esforços sejam esquecidos. Existe no interior das CEBs uma experiência de discipulado, ainda que precise continuamente de purificação, como dizia o Papa João XXIII, que procura estar junto da fé do povo.

As CEBs estão perfeitamente de acordo com que o Papa Bento XVI disse na introdução ao documento oficial de Aparecida: “A grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste Continente que, por motivo do acontecimento do seu batismo, todos são chamados a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo”.<sup>49</sup>

O Papa Francisco, em sua viagem ao Brasil, em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, em sua visita à Basílica de Aparecida do Norte, comentou que quando esteve no Brasil em 2007, na época como Cardeal de Buenos Aires, participando da V Conferência Latino Americana, afirmou que as CEBs mantinham um trabalho muito importante como pastoral, e reconhecia o trabalho de base por elas oferecido, de modo especial, aos mais pobres.

Atualmente, o Papa Francisco tem insistido muito em métodos novos de evangelização, métodos de contato, do diálogo, afirmando que o Pastor tem que ter cheiro de ovelha, não de flores de altar.

### **3.3 Por uma Igreja Pobre e Missionária**

No Concílio Ecumênico Vaticano II, no texto de abertura da *Gaudium et Spes*, muitas vezes citado, afirma: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são

---

<sup>49</sup> Cf.DAp 10.

também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.<sup>50</sup>

O atual Papa, Francisco, ao escolher seu nome quando foi eleito para estar à frente da Igreja Católica Apostólica Romana, escolheu o nome de Francisco por ser um símbolo forte. Também é um grande testemunho de pobreza em sintonia com a caminhada das CEBs, que nunca perderam a vocação da opção pelos pobres, para que a Igreja siga na missão e permaneça no caminho da humildade e simplicidade.

O termo Igreja, em sua extensão, cada vez mais se afirma em compreendê-la no sentido de povo de Deus; e não só isso, mas incluí-la na história deste povo. Quando a Igreja e pobres são postos em relação essencial, então surge a Igreja dos pobres.

Em primeiro lugar a fé da Igreja dos pobres se realiza, sobretudo sendo prática libertadora, sendo seguimento de Jesus, sendo semelhante a Ele em sua opção pelos pobres, em suas denúncias, em seu destino histórico. Por isso a Igreja dos pobres tem mártires em massa e o mais importante, foram e serão assassinados como Jesus e pelas mesmas causas que assassinaram Jesus.<sup>51</sup>

Por intermédio de ser e agir como Jesus da Igreja dos pobres é o que a cristologia nos conduz para que possamos entender e conhecer melhor o próprio Cristo Jesus. Na Igreja dos pobres, Jesus se faz presente na história, promove a esperança, de modo especial nos que mais sofrem, para que possa a Igreja ser no mundo a “*casa dos pobres*”.

O documento de Aparecida herdou o Concílio Vaticano II, na visão de uma Igreja que é vista por natureza missionária<sup>52</sup> e que deseja que todos os batizados sejam missionários. A Conferência de Aparecida assume a caminhada das outras quatro conferências (Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo). Aparecida renova a opção pelos pobres<sup>53</sup>, assumindo com nova força esta opção e lembra que na Igreja, de modo especial nas pastorais, os pobres são os grandes canais de evangelização e promoção humana.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> Cf. G S 1.

<sup>51</sup> Cf. SOBRINO, John. *Jesus o libertador. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994, p.52.*

<sup>52</sup> Cf. DAp 347.

<sup>53</sup> Cf. DAp 397,398,399.

<sup>54</sup> Ibidem, 398.

A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, na omissão e na indiferença à margem do sofrimento dos pobres do continente. Nossas pastorais precisam passar por um processo de conversão, onde se exija que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.<sup>55</sup>

A tomada da palavra “pelos pobres” nas CEBs acontece como vontade crescente de participação das mesmas também nas decisões de ações pastorais e articulações em movimentos populares. Esta participação popular verifica-se igualmente como abertura para um trabalho mais político, entrando também em outras instituições, em contato com sindicatos de classes, associações de bairro e partidos.

Por isso, o ponto de vista apresentado no documento de Aparecida tem como finalidade a promoção da forte decisão missionária, que deve estar presente em todas as estruturas e planos de pastoral, em todos os níveis da Igreja, bem como em toda a Instituição, abandonando as estruturas ultrapassadas que já não levam mais ao sentido de olhar ao próximo e o serviço de transmitir a fé.<sup>56</sup>

O centro da mensagem do documento é uma Igreja em estado permanente de missão, formada de discípulos que, na alegria do chamado, se fazem defensores e promotores da vida em abundância, que Jesus veio trazer pela inauguração do Reino de Deus.<sup>57</sup>

### **3.4 O Rosto Moderado da Igreja no Brasil**

Após um período marcante em que a Igreja da América Latina, de modo especial no Brasil, manteve uma forte presença da linha progressista nos anos 1970 em diante, mas com o pontificado do Papa Bento XVI, a Santa Sé procurou unificar a Igreja e acima de tudo, manter-se discreta e evitar conflitos.

Já no pontificado do Papa João Paulo II, a Igreja mantém uma linha conservadora. A Igreja no Brasil assume um “rosto moderado”; o novo perfil do episcopado brasileiro passa a ser marcado pela presença de Arcebispos mais

---

<sup>55</sup> Ibidem, 370.

<sup>56</sup> Ibidem, 365

<sup>57</sup> BRIGHENTI, Agenor. *Para compreender o Documento de Aparecida, o pré-contexto, o contexto e o texto: São Paulo, Paulus, 2008, p.80.*

jovens em substituição a nomes que marcaram história como: dom Helder Câmara, dom Luciano Mendes de Almeida, os Cardeais, dom Paulo Evaristo Arns, dom Aloísio Lorscheider e dom Eugênio Salles.<sup>58</sup>

É possível detectar que entre os anos de 1970 aos nossos dias, aconteceram momentos de tensões, onde nota-se a existência de divisões entre progressistas e conservadores, mas atualmente este quadro da Igreja no Brasil, encontra-se mais unida, observa dom Raymundo Damasceno.<sup>59</sup>

A Igreja no Brasil, ao percorrer o pontificado de Bento XVI, foca-se em um perfil mais discreto, um novo rosto surge e é necessário não manter polêmicas, mas, sim, permanecer com um olhar especial no país, por ser o mais católico do mundo.

O Vaticano constata, no geral, uma grande perda de católicos; surge um grande avanço do protestantismo, de modo especial no Brasil. Era necessário dar uma guinada na fé dos brasileiros, nota-se a necessidade de intensificar a ação evangelizadora, utilizar novos métodos na missão para renovar o entusiasmo na Igreja no Brasil.

Acontecem no pontificado de Bento XVI dois momentos importantes para a Igreja no Brasil: a V conferência do CELAM, na cidade de Aparecida do Norte, interior de São Paulo, e a canonização de um santo brasileiro, Santo Antônio de Santana Galvão, popularmente conhecido como “*Frei Galvão*”. No ponto de vista do Vaticano era necessário reconquistar não só a fé do povo da Igreja no Brasil, mas também na América Latina.

### **3.5 Papa Francisco retoma a Opção pelos Pobres**

Ao ser eleito bispo de Roma no dia 13 de março de 2013, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio, ao lado de seu grande amigo no episcopado, o arcebispo emérito de São Paulo, o Cardeal Claudio Hummes, abraçando a Bergoglio lhe disse: “*Não se esqueça dos pobres!*” O Cardeal Bergoglio, assim

---

<sup>58</sup> CAMAROTTI, Gerson. *Segredos do conclave. Informações inéditas sobre a eleição do Papa Francisco e a operação do Vaticano para estancar a hemorragia de fiéis na América Latina-São Paulo: Geração Editorial, 2013, p.181.*

<sup>59</sup> *Ibidem*, 182.

que fora eleito Papa e com respeito aos pobres, pensou em Francisco de Assis como sinal de seu pontificado.<sup>60</sup>

A questão dos pobres retoma no momento atual como novo sujeito eclesial no seio das Comunidades Eclesiais de Base. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho.<sup>61</sup>

Em janeiro de 2014, dirigindo-se aos participantes do XIII Encontro Intereclesial, no estado do Ceará (Brasil), o Papa Francisco afirma que: Como lembrava o Documento de Aparecida, as CEBs são um instrumento que permite ao povo “chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos” (n.178). E recentemente, dirigindo-me a toda a Igreja, escrevia que as Comunidades de Base “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja”.<sup>62</sup>

Um dos desafios permanentes da Igreja será a missão evangelizadora, e o Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, está clamando a todos os batizados, a todos os cristãos a sair de sua comodidade e ter a coragem de participarem da Igreja em saída, de alcançarem a todos e a todas que não conhecem a luz do Evangelho.

A ligação entre fé e vida faz com que a liturgia seja vivida e expressada a partir das diferentes culturas e célebres as lutas em defesa da vida, assumindo as expressões culturais do povo. Como afirma o papa Francisco, “natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”.<sup>63</sup>

As Comunidades Eclesiais de Base procuram manter os pontos essenciais para a construção de um novo modelo eclesial e de um novo modelo de sociedade que tenham as marcas do Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré.

---

<sup>60</sup> STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco. (tradução Cacilda Rainho Ferrante).*- São Paulo: Paulinas, 2014, p,13.

<sup>61</sup> Cf. EG,114.

<sup>62</sup> Ibidem, 29.

<sup>63</sup> Ibidem , 115

## CONCLUSÃO

A finalidade deste trabalho nos permitiu tomar conhecimento do dinamismo profético, das Comunidades Eclesiais, do seu dinamismo pastoral e, sobre, tudo, do seu comprometimento em recuperar e valorizar a dignidade da pessoa humana. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi retomar as origens históricas das CEBs, seu surgimento, suas ações e seus desafios. Constatou-se, no entanto, que houve uma preocupação por parte das CEBs em fazer uma ligação entre fé e vida, utilizando em seu jeito de evangelizar incentivar e animar o povo a ocupar o seu lugar na Igreja como personagem principal da própria história, assim, sendo um colaborador de uma sociedade e uma Igreja alternativa.

Retomar as origens históricas requer uma volta às luzes do Concílio Ecumênico Vaticano II, que se destacou como marco para a história da Igreja Católica e despertou energias. Também se criou um espírito novo de coragem e de iniciativas nos mais diversos setores da Igreja Católica.

As Comunidades Eclesiais de Base foram ganhando destaque no decorrer do século XX, acrescida das Conferências Episcopais da América Latina, sendo reconhecidas em Medellín (1968), que garantiu sua eclesialidade, valorizando-as e incentivando-as. Em Puebla (1979) destaca sua “opção preferencial pelos pobres”. Em Santo Domingo (1992), a inculturação e à atenção para a promoção humana. Consolidando em Aparecida (2007) a dar um novo impulso pastoral e à vida missionária.

O momento atual nos permite realizar uma análise crítica das “Comunidades Eclesiais de Base”, pois percebemos desvios do seu carisma inicial e, também, em seu compromisso com as urgentes realidades que dizem respeito à vivência dos valores cristãos.

Ao mesmo tempo entendemos porque alguns dizem que as CEBs “*não existem mais*”, ou que estão “*falidas*”. Sem dúvida, o passado de uma experiência eclesial, vivenciada em pequenos grupos, deve transmitir e testemunhar seu modo de ser, agir e partilhar suas experiências para com as novas formas de ser Igreja, em novos tempos, ou seja, em uma nova geração.

Penso que cabe às Comunidades Eclesiais de Base, em sua missão, trabalhar as idéias fundamentais no intuito de despertar na Igreja um espírito inovador e comprometido com os excluídos e os mais pobres, que são manipulados e destruídos pelas estruturas religiosas, políticas e ideológicas.

Por fim, que as CEBs relacionem-se com a eclesiologia do Povo de Deus e, que dentro dos espaços da Igreja, especialmente nas paróquias, possam se encontrar e reunir nas famílias, e, com a bíblia na mão, retomar os círculos bíblicos, promovendo uma espiritualidade libertadora- reconciliadora.

## BIBLIOGRAFIA

**A BÍBLIA DE JERUSALÉM**, *Nova edição, revista e ampliada*, São Paulo: Paulus, 2002.

### **MAGISTÉRIOS:**

**CNBB**. *Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: Experiências e Perspectivas- Doc. 23-2ª edição*. São Paulo: Paulinas, 1979.

**CNBB**. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. Doc.25*, São Paulo: Paulinas, 1986.

**CNBB**. *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja do Brasil.doc 94: 2011-2015*, Brasília, 2011.

**CELAM**. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência geral do Episcopado Latino- Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

**CONCÍLIO VATICANO II**. *Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.

- Constituição Dogmática Lumen Gentium
- Constituição Pastoral Gaudium et Spes

**DOCUMENTO DO CELAM**: *conclusões das Conferências, do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo, (Vários autores/Vários tradutores)*. São Paulo: Paulus, 2004.

**EVANGELII GAUDIUM**, *Exortação Apostólica Sobre o anúncio do Evangelho no Mundo Atual*, de Francisco. São Paulo: Paulinas, 2013.

## **AUTORES:**

**AZEVEDO**, Marcelo. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986.

**BETO**, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*, São Paulo, Brasiliense, 5ª edição, 1985. Co-edição com a Editora Abril, São Paulo, 1985.

**BRIGHENTI**, Agenor. *Para compreender o Documento de Aparecida, o pré-contexto, o contexto e o texto*: São Paulo, Paulus, 2008.

**CAMAROTTI**, Gerson. *Segredos do conclave. Informações inéditas sobre a eleição do Papa Francisco e a operação do Vaticano para estancar a hemorragia de fiéis na América Latina*- São Paulo: Geração Editorial, 2013.

**CAZALLAS**. Serrano Ramón. A conferência de Medellín. Coletânea de Artigos pelos Caminhos da América. Op.cit.p.13.

**CRIPPA**, Giovanni. *A Criação do Celam. Coletânea de Artigos pelos Caminhos da América*. São Paulo: Parma, 2006

**C.O'DONNELL**;S.PIE-NINOT. "Conferencias episcopales" in *Decl, San Pablo*, 2001.

**Democracia, Igreja e Cidadania: desafios atuais**/Ivo Lesbaupin, José, Ernane Pinheiro (organizadores)- São Paulo: Paulinas,2010- *A contribuição da Igreja Católica do Brasil para a democracia participativa*.-Chico Whitaker.

**J.B.Libânio**. *A Igreja em busca de um caminho (2)*. O Olhar Teológico. Disponível em: <[http :www.revistamissoes.org.br/artigos/ler/id/190.htm](http://www.revistamissoes.org.br/artigos/ler/id/190.htm)>. Acesso em:25 julho 2015. 18:53:15.

**KLOPPENBURG**, Boaventura O.F.M. *O Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. 21ª Edição.Petrópolis:Vozes-1991.

**LIBÂNIO**, João Batista. *As grandes rupturas sócias culturais e eclesiais*, Petrópolis: Vozes, 1979.

**MARINS**, José. *Puebla e as Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo, Paulinas, 1980.

**O GRUPO**. *Mantenham as lâmpadas acesas. Revisitando o caminho, recriando a caminhada*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

**PAULO** VI. *Evangelii Nuntiandi. Exortação Apostólica*. São Paulo: Paulinas 18ª Edição 2005.

**RAHNER**, Karl. *Vaticano II: Um Começo de Renovação*. São Paulo, Herder, 1966.

**ROSSI**, Agnelo. *Uma experiência de catequese popular*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis: Vozes, n. 17, 1957.

**STRAZZARI**, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*. (tradução Cacilda Rainho Ferrante)- São Paulo: Paulinas, 2014.

**SOBRINO**, John. *Jesus o libertador. A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.

**TEIXEIRA**, Faustino Luiz Couto, *A gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988.

**SOBRINO**, John. *Jesus o libertador. A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.

#### **FONTES ELETRÔNICAS:**

**CEBs**. Comunidades Eclesiais de Base: Que são? Onde vêm? Disponível em: <http://www.cebsuai.org/p/cebs-comunidades-eclesiais-de-base.html>. Acesso em: 25 julho 2015, 17:29:15.